

O PROCESSO AVALIATIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Thayssa Stefane Macedo Nascimento – Graduanda do curso de Pedagogia da UFPI

RESUMO

O presente trabalho discute acerca da avaliação na educação infantil tendo como foco a concepção de avaliação dos professores, os instrumentos avaliativos que são utilizados, e compreender como o erro é tratado na avaliação pelo professor. Sabendo que a avaliação é parte fundamental do processo de ensino-aprendizagem servindo como base para os professores, pois os auxiliam para a tomada de decisão frente às aprendizagens dos alunos, realizou-se uma pesquisa de campo na creche, CMEI- Parque São João, através de entrevistas realizadas com duas professoras, que são os sujeitos da pesquisa, e também através de pesquisas bibliográficas enfocando os trabalhos de HOFFMANN (2006), ANASTASIOU (2006) E HAYDT (2000). O estudo mostrou que o processo avaliativo na educação infantil ainda tem muito a avançar, pois o mesmo ainda não é visto como uma prática investigativa que ajuda na dimensão da interação adulto-criança, tendo como sentido o de acompanhar o desenvolvimento da criança através de reflexões sobre a ação da mesma em seu cotidiano na escola, justificando a avaliação na educação infantil. Sendo assim, o processo avaliativo na educação infantil precisa ser analisado e discutido por todos os sujeitos que formam as instituições de educação infantil para que haja mudanças significativas nesse universo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Palavras-chave: Avaliação. Educação Infantil. Prática docente.

INTRODUÇÃO

A avaliação é parte fundamental do processo de ensino/aprendizagem possibilitando a tomada de decisão e a melhoria da qualidade do ensino. Ela informa as ações em desenvolvimento e aponta para a necessidade de regulações constantes. Sendo assim, a avaliação é processual, interessando-se pelo início, meio e fim do processo de aprendizagem dos alunos. Portanto é um elemento central para qualidade do processo educativo.

Tendo em vista a necessidade de um estudo acerca da avaliação da aprendizagem na educação infantil e sua especificidade neste nível de ensino, o presente trabalho de pesquisa foi elaborado com o objetivo de analisar como ocorre o processo de avaliação na Educação Infantil (maternal ao 2º período), através de pesquisa bibliográfica e de campo utilizando como instrumento de coleta de dados a entrevista.

A pesquisa de campo foi realizada no Centro Municipal da Educação Infantil “Parque São João”, Bairro Parque São João, Zona Sul de Teresina-Piauí, no turno da

tarde em novembro de 2011. A instituição possui duas modalidades de ensino: CRECHE e PRÉ-ESCOLA, atendendo crianças de 2 a 5 anos de idade, nos turnos manhã e tarde.

A referida pesquisa foi realizada com duas professoras da escola citada, na qual iremos identificá-las como sujeitos 1 e 2 da pesquisa. O sujeito 1 da pesquisa atuava no maternal, e o sujeito 2 atuava no 2º período.

Através da mesma procurei identificar a concepção de avaliação dos professores, os instrumentos que são utilizados e compreender como o erro é tratado na avaliação pelo professor.

CONCEPÇÕES E PRÁTICAS AVALIATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A avaliação, como sendo parte intrínseca do processo de ensino/aprendizagem, possui três tipos fundamentais, que o analisa e o modifica. São elas as três funções principais para a avaliação: diagnóstica, formativa e somativa.

De acordo com o sujeito 1 da pesquisa: “Avaliar é no sentido do professor tentar resgatar o que seus alunos aprenderam e o que eles precisam melhorar para atingir seus objetivos”. Sendo assim observo que, a professora em questão, tem como concepção e prática avaliativa uma avaliação do tipo somativa que corresponde a um balanço final, no sentido de apenas verificar resultados e obter informações sobre a aprendizagem do aluno, sem levar em conta todo o processo de aprendizagem do mesmo.

Pois,

tradicionalmente, a avaliação da aprendizagem é feita pela comparação do trabalho do estudante com um modelo “padrão” a partir do qual o estudante é classificado, como se a finalidade da avaliação fosse medir a distância que se separa o estudante desse padrão. (ANASTASIOU, 2006, p. 72)

Nesta perspectiva, constato que não são realizados, pela professora entrevistada, os outros dois tipos de avaliações: formativa e diagnóstica; ressaltando que esses dois tipos também são essenciais para o processo avaliativo.

A avaliação diagnóstica dá-se no início do processo ensino/aprendizagem e objetiva proporcionar informações acerca das capacidades dos alunos, ou seja, busca a determinação da ausência ou presença de habilidades e pré-requisitos, bem como a identificação das causas de repetidas dificuldades na aprendizagem.

Já a avaliação formativa possui uma grande importância em todo o processo, pois ocorre desde o início até o fim do processo de ensino/aprendizagem. A avaliação é formativa no sentido de como é feito o aconselhamento aos alunos e de como estão se transformando em direção aos objetivos almejados.

A importância de compreendermos esses três tipos de avaliação faz-se necessário, pois auxilia o processo de ensino/aprendizagem e nos mostra que a avaliação é parte fundamental do mesmo e que não podemos falar em ensino/aprendizagem sem falarmos, conhecermos e utilizarmos os três tipos de avaliação de forma correta.

Um aspecto importante a ser elencado, na fala da professora, é o papel de auxílio que a avaliação desempenha para o professor, servindo não apenas para os alunos, mas também para os professores, orientando sua prática na consecução dos objetivos educacionais. Assim podemos articular essa compreensão aos termos das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Despacho n.º 5220/97, de 4 de Agosto), “avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução. A avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento” (p. 27).

Analiso que a avaliação tem como função auxiliar a prática educativa do professor, pois através da mesma ele é capaz de perceber se suas metodologias de ensino estão sendo satisfatórias para a aprendizagem das crianças.

Assim, o sentido de cada avaliação (diagnóstica, formativa e somativa) trabalhada conjuntamente deve ser o de fazer com que os alunos sejam críticos e saibam desenvolver suas habilidades e competências para que estejam modificando de forma satisfatória a sociedade no qual estão inseridos.

OS INSTRUMENTOS UTILIZADOS NA AVALIAÇÃO

Ao ser indagado a respeito dos instrumentos de avaliação na educação infantil o sujeito 2 relatou que os instrumentos utilizados por ela são a observação, os registros e o teste bimestral, realizados para analisar o desenvolvimento da criança. Essa concepção encontra amparo legal na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) onde declara que: “a avaliação pressupõe sempre referências, critérios, objetivos e deve ser orientadora, ou seja, deve visar o aprimoramento da ação educativa, assim como o acompanhamento e registro do desenvolvimento da criança que deverá ter como referência, objetivos estabelecidos no projeto pedagógico da instituição e pelo professor. Isto exige que o profissional da educação infantil desenvolva habilidades de observação e de registro do desenvolvimento da criança e que reflita permanentemente sobre sua prática, aperfeiçoando-a no sentido do alcance dos objetivos”. (integral, conforme Art. 29)

Segundo Hoffmann, a prática de elaboração de fichas comportamentais classificatórias semestrais, referindo-se aos registros de avaliação das crianças e alguns pareceres descritivos encerram concepções disciplinadoras, sentenciosas e comparativas que ferem seriamente o respeito à infância. A análise dos procedimentos rotineiros de avaliação permite-nos observar sérios reflexos, na educação infantil, dos modelos de avaliação classificatória do ensino regular.

O modelo de avaliação classificatória se faz presente nas instituições de educação infantil quando, para elas, avaliar é registrar ao final de um semestre os comportamentos que a criança apresentou, utilizando-se, para isso, de listagens uniformes de comportamentos a serem classificados a partir de escalas comparativas. O cotidiano da criança não é verdadeiramente levado em conta, nem é considerada a postura pedagógica do educador, à semelhança do ocorrido no ensino regular.

Relaciono o que foi explicitado pela autora citada acima, com o relato das professoras entrevistadas para a pesquisa. Quando perguntadas sobre como ocorre a avaliação na educação infantil e qual sua finalidade; o sujeito 1 e o sujeito 2 responderam: “A avaliação na educação infantil ocorre mediante observação e registro, observando-se o desenvolvimento da criança e anotando em fichas” e também “ocorre através de um teste, em cada bimestre, e esse teste é trabalhado da seguinte maneira: é escolhido cinco palavras, uma palavra monossílaba, dissílaba, trissílaba e polissílaba, começando sempre da maior para a menor. Diante disto percebemos se a criança já está escrevendo letras ou ainda está na escrita pré-silábica; nesse momento conseguimos acompanhar em que nível o aluno está.”

Nesses relatos, analisei que a avaliação na educação infantil, como Hoffmann cita, realmente ocorre através de testes classificatórios, não visando à aprendizagem da criança, mas classificando-a em apta ou não para seguir em frente na seriação da educação infantil.

A finalidade a ser levada em conta no processo avaliativo na educação infantil é de uma prática investigativa, pois é a dimensão da interação adulto/criança que justifica a avaliação na educação infantil e não a certeza, os julgamentos, as afirmações inquestionáveis sobre o que ela é ou não capaz de fazer.

Todos os instrumentos de medida e avaliação são eficientes quando usados criteriosamente e de acordo com os objetivos previstos. Além de oferecem subsídios no acompanhamento do desenvolvimento do aluno.

Assim,

os relatórios devem ser elaborados de maneira que ao mesmo tempo em que refaz e registra a história do seu processo dinâmico de construção de conhecimento, sugere, encaminha, aponta possibilidades da ação educativa para pais, educadores e para a própria criança. Diria até mesmo que apontar caminhos possíveis e necessários para trabalhar com ela é o essencial num relatório de avaliação, não como lições de atitudes à criança ou sugestão de procedimentos aos pais, mas sob a forma de atividades a oportunizar, materiais a lhe serem oferecidos, jogos, posturas pedagógicas alternativas na relação com ela. (HOFFMANN, 2000, p. 53).

No processo de ensino e aprendizagem é importante que o professor use análises de situações-problema, previamente elaboradas, com destaque em pontos-chave que poderão instigar e/ou orientar a busca ativa de novas informações. Devem-se estimular situações de avaliação que privilegiam o exercício da capacidade argumentativa dos alunos evitando penalizar o pensamento divergente.

O ERRO NA AVALIAÇÃO

Hoffmann afirma que o aparecimento de erros e dúvidas dos alunos, numa extensão educativa é um componente altamente significativo ao desenvolvimento da ação educacional, pois permitirá ao docente a observação e investigação de como o aluno se coloca diante da realidade ao construir suas verdades. Ela distingue o diálogo entre professor e aluno como indicador de aprendizagem, necessário, à reformulação de alternativas de solução para que a construção do saber aconteça. A reflexão do professor sobre seus próprios posicionamentos metodológicos, na elaboração de questões e na análise de respostas dos alunos deve ter sempre um caráter dinâmico.

De acordo com a pesquisa realizada, o sujeito 1 da pesquisa coloca o erro da seguinte forma: “ O erro aqui é construtivo, não consideramos nada errado. Como, por exemplo, se a criança escreve uma palavra de maneira diferente, eu não vou dizer que a palavra está errada, pois ela escreveu da maneira que ela sabe. Cabe ao professor avaliar o que ela quis colocar e depois trabalhar esses “erros” através de atividades direcionadas.”

Contudo, o sujeito 2 da pesquisa coloca o erro de forma diferente: “o erro é visto no sentido de analisar o que aconteceu com aquela criança, se ela regrediu, pois ela não pode regredir, mas se isso acontece, então, eu começo a analisar o que ocorreu.”

Portanto, analiso que no primeiro caso o erro da criança é colocado pela professora como um ponto importante da aprendizagem, pois ele faz parte do processo de construção do saber pela criança, e o professor tem como tarefa identificar em que momento do processo ensino-aprendizagem a criança não conseguiu construir de forma satisfatória o seu saber, cabendo ao mesmo, realizar atividades direcionadas para a realização plena de toda aprendizagem.

No segundo caso, o sujeito 2, identifica o erro apenas como uma forma de saber se a criança atingiu os objetivos almejados ou não e em seguida o mesmo irá analisar esse erro para saber o que aconteceu. Entretanto, não se percebe uma preocupação da mesma em tratá-lo como um fato importante do processo de aprendizagem e que ele é necessário para situar o professor sobre o processo de ensino-aprendizagem.

O professor ao realizar a avaliação divide esse processo em três domínios: psicomotora, afetiva e cognitiva como se esse processo fosse dissociável. É necessário analisar esses aspectos de forma conjunta para diagnosticar as dificuldades, considerando que mesmo o aluno falho tem possibilidades de aprender. O sujeito 1 considera que: “o erro é construtivo, cabe ao professor avaliar o ponto de vista do aluno”.

Segundo Hoffmann o,

processo avaliativo opõe-se, à observação do desenvolvimento da criança fragmentado em pequenas fatias, como vem de fato ocorrendo em muitas instituições, através da tradicional subdivisão em áreas de avaliação na educação infantil – áreas afetivas, cognitiva e psicomotora. Essa visão tripartida do desenvolvimento é também um legado de posturas comportamentalistas. (HOFFMANN, 2006, p.22)

Compreendo então que normalmente o erro é visto pelos professores como o oposto de acerto e com uma sensação de culpa, desconforto e muitas preocupações em não cometê-lo. Estes professores certamente não conseguem perceber toda a riqueza pedagógica que está por trás do erro. De acordo com Jean Piaget, o erro gera conflito e faz com que a criança busque um processo de auto-regulação; assim, ela aprende. Portanto, o erro não é contrário ao acerto, e sim uma parte do processo de aprendizagem. Quando uma criança erra e percebe o seu erro ela sente que precisa reformular uma hipótese e, assim, ela avança. Porém, fazer com que a criança perceba o erro e crie novas hipóteses não é uma tarefa tão fácil, ela exige uma grande atenção por parte do professor. O papel do educador é diagnosticar o erro, observar o desenvolvimento de seus alunos e fazer intervenções que provoquem um desequilíbrio e façam o aluno modificar uma hipótese que não é adequada sobre determinado assunto.

Portanto, o aparecimento de erros e dúvidas dos alunos, segundo Hoffmann, numa extensão educativa é um componente altamente significativo ao desenvolvimento da ação educacional, pois permitirá ao docente a observação e investigação de como o aluno se coloca diante da realidade ao construir suas verdades. Ela distingue o diálogo entre professor e aluno como indicador de aprendizagem, necessário, à reformulação de alternativas de solução para que a construção do saber aconteça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Avaliar consiste em determinar os objetivos educacionais e, se estes estão em concordância com as diretrizes e o currículo, selecionando critérios para avaliar o grau dos objetivos e das decisões. Ao avaliar o aluno, o professor também é avaliado, no que se refere aos aspectos metodológicos, atividades, trabalhos, prática e teoria. Para Haydt a forma de encarar e realizar a avaliação reflete a atitude do professor e suas relações com o aluno.

Sendo assim, observei através da pesquisa que o processo avaliativo na educação infantil se assemelha e muito ao que ocorre no Ensino Fundamental e Médio, pois o que se busca nesse processo é saber se a criança está apta ou não para seguir adiante nas próximas séries. Tendo como concepções avaliativas, práticas que estão voltadas apenas para o resultado obtido pela criança ao final de cada avaliação escrita, sem preocupar-se com todo o processo de aprendizagem da mesma, pois a avaliação pode ocorrer tanto através do que a criança consegue passar para o papel, como em diversas situações que as envolvem na sala de aula, sem necessariamente, precisar ser algo que ela consiga escrever.

São utilizados instrumentos avaliativos que não passam de meros registros elaborados sem reflexão, apenas diagnosticando fatos isolados sem levar em conta toda a rotina da criança. Pois ao final de cada bimestre são elaboradas fichas comportamentais, através de listagens uniformes que são classificados a partir de registros comparativos, desconsiderando a prática pedagógica do educador nesse processo.

O erro ainda precisa ser considerado como um ponto importante na aprendizagem das crianças, pois o que ainda é visto são posturas errôneas frente à função de auxílio ao professor e de reflexão para as crianças que o mesmo possui.

Segundo Hoffmann, o sentido da avaliação na educação infantil é o de acompanhar o desenvolvimento da criança, englobando reflexões permanentes da ação da criança em seu cotidiano.

Portanto, refletir sobre a ação da criança observando-a diariamente é o que deveria ocorrer nas instituições infantis e; o acompanhamento da ação dessa criança deve vir seguido de observações e registros englobando todos os aspectos conjuntamente: campo afetivo, cognitivo e psicomotor. Estes três campos são indissociáveis no desenvolvimento infantil. Portanto não há como avaliar a criança em um só aspecto ou avaliar separadamente cada campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANASTASIOU, L. das G. C. Avaliação, ensino e aprendizagem: anotações para ações em currículo com matriz integrativa. In: SILVA, A. **Novas subjetividades, Currículo, Docência e Questões Pedagógicas na Perspectiva da Inclusão Social**. PE: ENDIPE, 2006.

HAYDT, R. C. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2000.

HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação na pré-escola**: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Porto Alegre: Mediação, 2006.